

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Gazeta Mercantil

CLASS. : 269

DATA : 12 12 90

capa /
PG. : 03

Um sistema econômico vai ao banco dos réus

por José Casado de Xapuri

No alto do rio Envira, 380 quilômetros a oeste de Rio Branco, capital do Acre, a madeireira Céu Azul está pagando Cr\$ 2 mil aos seringueiros da região por árvore que eles deixam derubar nos seus seringais.

A oferta é atraente, apresenta pouco mais que o dobro do que, na média, um seringueiro consegue obter numa jornada de 14 horas diárias, andando até 30 quilômetros selva adentro, para extrair o látex, e posteriormente prepará-lo e vendê-lo.

Na contabilidade das entidades de proteção ao meio ambiente do Acre, apenas essa madeireira já extraiu 4 mil toras de madeiras nobres (mogno e cerejeira) nos primeiros nove meses do ano, para processá-las na serraria que mantém em Belém (PA) e, a seguir, exportá-las.

Inexiste um levantamento rigoroso sobre quantas madeiras estão operando na Amazônia, a maior floresta tropical do planeta. Os poucos dados oficiais são desatualizados e incoerentes: para fugir à fiscalização governamental, os empresários do setor estão adotando um novo procedi-

mento — toda semana, criam "novas" empresas. Assim, não apenas evitam eventuais multas por desmatamento como também não pagam impostos.

É apenas um aspecto do cotidiano na selva. Hoje, a partir das 8 horas, a rotina da Amazônia vai ser alterada por um acontecimento de repercussão internacional, no qual a vida, os hábitos, a violência, a degradação econômica e a morte das pessoas se misturam numa tragédia do Brasil moderno — em que árvores tombando, pela ação das motosserras, constituem o cenário.

O julgamento dos supostos assassinos de Francisco (Chico) Mendes, ex-líder dos seringueiros de Xapuri, o homem que desafiava os poderosos criadores de gado e madeireiros do Acre, vai ser parcialmente transmitido ao vivo por redes de televisão do Brasil, dos Estados Unidos e da Inglaterra.

De certa forma, o País estará no banco dos réus, aos olhos do mundo. Poucas vezes um episódio da vida dos brasileiros chamou tanto a atenção no exterior: do Washington Post (EUA) ao The Times (Grã-Bretanha), do L'Unità (Roma) ao Los Angeles Times (Los Angeles), os princí-

pais veículos formadores de opinião estão com jornalistas ou comprando imagens e informações de agências de notícias, em Xapuri, a 185 quilômetros de Rio Branco, no extremo noroeste da Amazônia, em meio ao que resta da selva acreana.

A história de Chico Mendes não é única. A lista de assassinatos de líderes de seringueiros, de trabalhadores rurais, de índios e de castanheiros é extensa. Wilson Pinheiro, Jesus Matias, Ivair Higino, por exemplo, constam da relação de mártires que os companheiros de Chico Mendes têm para cultivar. Oficialmente, 1,2 mil líderes morreram, assassinados, por causa dos conflitos de terra na Amazônia, nos últimos dez anos.

O julgamento que começa hoje, sem previsão de término, mostra, porém, que o caso Chico Mendes é emblemático do que está ocorrendo na Amazônia dos brasileiros — a força, ou o gatilho, prevalece sobre a lei e sucessivos governos, com seus "projetos econômicos de impacto", acabaram contribuindo para o agravamento das condições sócio-econômicas na região.

(Continua na página 3)

JULGAMENTO DE CHICO MENDES

Um sistema...

por José Casado de Xapuri
(Continuação da 1ª página)

Mesmo depois de duas décadas de incentivos fiscais ao setor privado, o governo estadual continua sendo o maior empregador, dedicando 90% de sua receita — basicamente transferências do governo federal — ao pagamento da extensa folha de 50 mil funcionários.

Na vida real, a morte de Chico Mendes ainda não contribuiu para mudar, efetivamente, o clima de "faroeste" que reina na Amazônia.

Manoel Pereira da Silva, 26 anos, diretor do Sindicato dos Seringueiros, Pequenos Agricultores e Assalariados Rurais de Rio Bran-

co, tem percebido isso na sua rotina.

Ele é um dos que constam da atual lista informal de homens marcados para morrer. Silva tem lutado contra fazendeiros e madeireiros, através do seu sindicato, que pretendem "conquistar" a reserva extrativista do Figueira, 80 quilômetros a oeste da capital do Acre.

Desde 1989 na direção do sindicato, Silva morava no quilômetro 74 da Transacreana, que liga a capital ao interior, mas tem sido obrigado a mudar constantemente e a andar sempre acompanhado. Já escapou de duas tentativas de assassinato. Como Chico Mendes e outros líderes emboscados, Silva acaba de "anunciar" sua morte ao governo do Acre.